

## Mensagem 308

Paris, 16 de Agosto de 2015

### O Sábio Jiddu Krishnamurti

1. A partir do momento em que uma pessoa estabelece as fundações da virtude, que é ordem nos relacionamentos, nela surge esta qualidade de amor e morrer, que é o que é toda a vida; então a mente torna-se extraordinariamente tranquila, naturalmente silenciosa, e não silenciada através da supressão, disciplina e controlo, e esse silêncio natural é tremendamente rico.

Para além disso, não há nenhuma palavra, nenhuma descrição possível. Então, aí a mente não indaga sobre o absoluto porque não necessita, porque nesse silêncio há aquilo que é. E a totalidade de tudo isto está na benção da meditação.

2. O êxtase da solidão acontece quando não tens medo de estar só – já não pertencendo ao mundo ou estando apegado a seja o que for. Depois, tal como aquele amanhecer que surgiu esta manhã, o êxtase chega silenciosamente, e cria um caminho dourado na própria quietude, que havia no início, que há agora e que sempre existirá.
3. A meditação é um movimento no e do desconhecido. Tu não estás lá, somente o movimento. Tu és demasiadamente inferior ou demasiado grande para este movimento. Ele não tem nada atrás de si ou à sua frente. Trata-se daquela energia que o pensamento-matéria não consegue tocar. O pensamento é perversão, pois é o produto de ontem: é presa das labutas de séculos e portanto é confuso, obscuro. Faças o que fizeres, o conhecido não consegue alcançar o desconhecido. Meditação é morrer para o conhecido.

4. Enquanto observavas, um grande silêncio surgiu em ti. O cérebro tornou-se muito tranquilo, sem nenhuma reação, sem um movimento, e foi estranho sentir esta imensa serenidade. “Sentir” não é a palavra certa. A qualidade desse silêncio, essa serenidade, não é sentida pelo cérebro; está para além do cérebro. O cérebro pode conceber, formular ou desenhar o futuro, mas esta quietude está para além do seu raio de acção, para além de toda a imaginação, para além de todos os desejos. Estás tão tão tranquilo que o teu corpo se torna completamente parte da Terra, parte de tudo o que está imóvel e no entanto movendo-se! E enquanto a suave brisa veio das montanhas, agitando as folhas, esta quietude, esta extraordinária qualidade de silêncio, não foi perturbada. A casa estava entre as montanhas e o mar, com vista para o mar. E enquanto se observava o mar, em tal quietude, tornavas-te verdadeiramente parte de tudo. Tu eras tudo. Tu eras a luz e a beleza do amor. Mais uma vez dizer que “tu eras uma parte de tudo” também não é o mais correcto: a palavra tu não é adequada, porque tu na verdade não estavas ali. Tu não existias. Só havia essa quietude, a beleza, o extraordinário sentido do amor.

5. Então uma pessoa tem de começar com a mente e não com o corpo, sendo a mente, pensamento e as variedades de expressões do pensamento. A mera concentração

torna o pensamento estreito, limitado e frágil, mas a contemplação surge como algo natural, quando há pura consciência (holística) dos modos e hábitos do pensamento. Esta percepção holística (pura consciência) não vem do pensador que escolhe e descarta, que retém ou rejeita. Esta pura consciência (holística) não faz escolhas e é tanto o exterior como o interior; é um intercâmbio entre ambos, e assim a divisão entre o exterior e interior termina!

O pensamento destrói o amor. O pensamento só consegue oferecer prazer, e na busca por prazer, o amor é colocado de lado. O prazer de comer, de beber, tem a sua continuidade no pensamento, e somente suprimir ou controlar este prazer, que o pensamento originou, não tem qualquer significado; só cria várias formas de conflito e compulsão, porque o pensador, que é o controlador é também o pensamento – o controlado!

6. A maturidade na meditação é o libertar da mente em relação ao conhecimento, pois o conhecimento modela e controla toda a experiência. O conhecimento gera “experiências” como reflexos condicionados e as “experiências” reforçam o conhecimento. A Sagrada Realidade é a Existência – e não as tuas experiências fajutas e patetas. Uma mente que é uma luz para si mesma não necessita de nenhuma experiência. Imaturidade é ânsia por maiores e mais vastas experiências. Meditação é vaguear pelo mundo do conhecimento e sendo a meditação livre em relação a este, entra no Desconhecido, Incognoscível, Imensidão, Incomensurável.
7. Então, a meditação pode acontecer quando estás sentado num autocarro ou a passear nos bosques cheios de luz e sombras, ou escutando o chilrear dos pássaros ou olhando para o rosto da tua mulher ou filhos.
8. Uma vida religiosa é uma vida de meditação, na qual desapareceram as actividades do egoísmo.
9. Para a maioria de nós, a beleza está em algo, num edifício, numa nuvem, na forma duma árvore, num rosto bonito. A beleza está “em algo exterior”? Ou é uma qualidade da mente que não tem nenhuma actividade auto-centrada?
10. Ser absolutamente nada é estar para além de qualquer medida.
11. A Morte da mente, que a meditação origina, é a imortalidade da Vida.
12. Meditar é transcender o tempo. O tempo é a distância que o pensamento percorre nas suas conquistas. O percorrer é sempre ao longo do velho caminho coberto por uma nova camada, novas vistas, mas sempre a mesma estrada, levando a lado algum – excepto à dor e sofrimento.

Somente quando a mente transcende o tempo, a verdade deixa de ser uma abstracção. Depois, a felicidade, já não é uma ideia resultante do prazer, mas sim uma realidade que não é verbal. A benção é a Percepção Holística (Pura Consciência) livre de Divisão – a única Divindade.

13. A crença é tão desnecessária como os ideais. Ambos dissipam energia, que é necessária para seguir o desenrolar do facto, o “que é” (que há). As crenças, tal como os ideais, são formas de fugir aos factos e na fuga não há nenhum fim para o sofrimento. O fim do sofrimento acontece com o entendimento do facto momento a

momento. Não existe nenhum sistema ou método que dê entendimento, mas somente uma pura consciência sem escolhas do facto. A meditação de acordo com um sistema é o evitar do facto do que tu és; é muito mais importante entenderes-te, entender o constante mudar de factos sobre ti, do que meditar de modo a encontrar deus, ter visões, sensações, e outras formas de entretenimento. Infelizmente “Deus” é produto da culpa, da credulidade, ganância, recompensa e muitos outros lixos da nossa consciência divisiva.

14. A meditação não é algo diferente da vida diária; ir para um canto numa sala ou reunir-mo-nos numa assembleia numa missa ou num campo, e depois sair da meditação e portar-mo-nos como carneiros – tanto metaforicamente como de verdade.
15. O Homem, de modo a escapar aos seus conflitos inventou muitas formas de meditação. Estas basearam-se no desejo, vontade e na urgência de conseguir algo, e implicam conflito e uma luta para atingir algo. Este esforço deliberado e consciente, está sempre dentro dos limites da mente condicionada e nisto não existe nenhuma liberdade. Todo o esforço para meditar é o negar da meditação!

**Jai Jiddu – Alegria da Benção**